

## As tentações do analista

Julieta De Battista  
AE, Argentina

Em nosso último encontro internacional de Escola, tentei avançar sobre a interrogação acerca do desconhecimento próprio da prática analítica: a negação sistemática do real que ali está em jogo. Se o desconhecimento o tom característico da análise – desconhecimento dos sintomas, do real, do ato – então parece impor-se a pergunta sobre as operações defensivas que esse material radioativo da análise pode provocar nos analistas.

Uma análise começa pelo “não querer saber” do inconsciente e pode levar, em algumas ocasiões, ao horror do ato. O tom persiste. Portanto, não há cura desse real. Disso decanta que não é algo “para olhar de frente”, como o sol ou a morte. No entanto, esse caráter indomavelmente repulsivo parece adotar roupagens politicamente corretas, às vezes, na transmissão, com seus conseguintes efeitos de sedução, fascinação e sedação. A opinião correta – a ortodoxia – é talvez uma melodia que se pode identificar em alguns momentos das Escolas de psicanálise. É uma melodia contagiosa, que gruda, dessas que não se consegue deixar de repetir: um hit tentador e pegajoso. É possível reconhecê-la pelo caráter adormecedor de seu tilintar e pelo peso de sua obediência automática e repetitiva. Não desperta, acalma. Não incomoda, assegura.

Assim, paradoxalmente, a ortodoxia poderia se converter em outra modalidade do não querer saber, em uma defesa ante a angústia que o encontro com a heteridade produz. Então, todos hereges? Essa poderia ser outra forma do politicamente correto: exaltar a heresia como via correta. A heresia de ontem pode ser a doxa de hoje. Provavelmente, a doxa psicanalítica que hoje reconhecemos como tal provenha da elaboração, do decantado das heresias freudianas, suficientemente despojadas de seus elementos incômodos. Talvez possamos ler em certa ortodoxia uma função defensiva, quiçá traga proteção, refúgio, e isso seja necessário em alguns momentos. Poderia então haver transmissões em que essa cota defensiva prevaleça mais do que em outras. Pergunto-me, então: que tipo de refúgio nos é nossa Escola? Que impacto isso teria no dispositivo do passe? Não seria a presença do conflito, a controvérsia, a discussão, o inesperado aquilo que esburacaria qualquer confirmação do supostamente correto e esperado de um analista?

Por esse veio, penso que o debate sobre a possível convergência ou identificação entre final de análise e passe supervaloriza a questão do final e pode nos fazer perder o foco das condições que desembocaram na virada de analisante a analista. Poderia ter havido passe antes do final ou depois. Pode haver final de análise e não haver passe. Portanto, essa relação que geralmente se pensa tão estreita tende a desconhecer a brecha entre final de análise e passe. Proponho demonstrá-lo com uma distinção que encontramos em Lacan e que gostaria de ressaltar acerca do saber fazer e o saber ser rebotalho.

Em 1976<sup>1</sup>, Lacan define o final de análise por esse saber fazer aí com o sintoma: “saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo”. Mas esse saber fazer concerne ao final de análise, e não ao advento do desejo do analista. Além disso, esse saber fazer não é exclusivo da análise. De fato, no *Seminário 23*, o saber fazer aparece definido como “a arte, o artifício, o que dá à arte da qual se é capaz um valor notável<sup>2</sup>”. Lacan diz a respeito de Joyce que é um homem de *savoir faire*, ou seja, um artista<sup>3</sup>, e sustenta durante todo esse seminário a pergunta acerca de como Joyce conseguiu, com sua obra, alcançar a notoriedade, manter ocupada tanta gente. Mas Joyce não chegou a isso pela via da análise. Portanto, esse saber fazer com o sintoma não é algo que permita reconhecer o analista, já que o encontramos também no artista. Poderá haver finais de análise que cheguem ao saber fazer aí com o sintoma, ou inclusive aqueles que chegam aí sem análise. Esse saber fazer não conduz necessariamente ao ato

analítico, pode levar a um ato artístico. Por sua vez, há a questão do “valor notável” desse saber fazer, que abre a pergunta de se essa notoriedade convém à prática analítica, inclusive em termos do reconhecimento que o analista pode esperar de seu trabalho.

Avanço, então, na distinção proposta, já que, nesse mesmo seminário em que Lacan deixa do lado do artista a questão do saber fazer e da notoriedade, reserva para o analista aquele saber que já caracterizou em 73 como “saber ser um rebotalho<sup>4</sup>”, condição de possibilidade necessária – ainda que não suficiente – à emergência do desejo do analista. Recordo os termos em que o apresenta: trata-se para Lacan de saber ser um rebotalho a partir de haver cernido a própria causa do horror de saber, mas também a isso se acrescenta a marca do entusiasmo. Faz disso a “marca”, a condição que será preciso reconhecer no analista que corre o risco de se apresentar ao passe, e não unicamente para aquele analista funcionário que se autoriza de si mesmo. Digo condição de possibilidade porque não é por si só que o saber ser um rebotalho se colore de entusiasmo. Lacan evoca a possibilidade da depressão, e de fato haveria que diferenciar entre saber ser um rebotalho e identificar-se ao rebotalho melancolicamente.

Esse *sicut palea* é renomeado em 75 como “*ordure décidée*”, posição que convém ao analista. Do lado do analista se acentua, então, o saber ser rebotalho com decisão e entusiasmo, a partir de ter conseguido cernir algo da própria causa do horror de saber. É indubitável que ninguém embarca em uma formação tão longa e custosa para se converter nisso! Essa proposta se separa, então, do dever ser ou do querer ser, não transita por essas vias. Nos inícios de uma análise, certamente se desmontam aqueles aspectos vinculados aos ideais e ao dever ser. Entendo que em um final de análise esteja também em jogo um luto por aquilo em que se acreditou que se queria ser e que se conseguiria ao final.

Com isso, quero enfatizar que o desejo do analista se desloca do querer ser; essa emergência é disruptiva, desviada, inclusive aberrante, segundo o termo de Lacan em *O saber do psicanalista*<sup>6</sup>. É uma emergência que mais parece produzir-se como um encontro ignorado, uma surpresa que desperta. Horror e despertar. Cada analisante conta com sua própria doxa, a ortodoxia de seu fantasma que lhe fornece proteção e segurança. É em relação a esse princípio de autoridade fantasmático que um desvio herético pode começar a se produzir insidiosamente. Propus a concepção de *clinamen* para esse esforço de apreensão que constitui o dispositivo do passe. *Clinamen*, desvio infinitesimal que muda o curso das coisas inadvertida e irremediavelmente. Permite o dispositivo captar esses desvios imperceptíveis que produzem emergências inesperadas, essas pequenas heresias? É possível detectar os desvios que conduziram à aberração do desejo do analista? Por quais caminhos a propensão da análise pôde levar alguém à propulsão do ato analítico?

Parece-me que, de alguma maneira, a análise produz uma espécie de acumulação de experiências acerca do rebotalho, desde o começo, e não somente ao final. Começa pelo sintoma e as formações do inconsciente – que são, em si, rebotalhos hereges da consciência –, avança na desmontagem da doxa fantasmática, na queda da suposição de saber, desfaz as crenças religiosas nos pais, despoja do amor à verdade e do gozo do sentido. É uma travessia de restos, de despojos. Em cada meandro da análise, aparece algo dessa experiência do rebotalho. Poderá essa experiência decantar em um saber? Conduzirá à depressão, ao entusiasmo? Onde se encontrará, agora, refúgio?

Tomar a pergunta pelo desejo do analista por essa via do saber ser rebotalho parece-me conduzir a outro assunto de extrema importância para o funcionamento cotidiano da Escola: o das compensações ou reconhecimentos que o analista pode esperar, enquanto isso não é algo que a prática analítica em si lhe vá prover. Não há reconhecimento pelo ato analítico, há desconhecimento. Mas os analistas somos também seres humanos, sedentos de escabelo. Como suportar a castração do escabelo que a posição do analista exige? Por quais caminhos

se buscam certas compensações? Qual política é propícia para uma Escola que pretende não ficar presa à pregnância narcísica, na armadilha da competição, nas transmissões escabelizantes? Como seria uma política que aponte a reencaminhar à elaboração, e não às tentações dos analistas?

Esperamos vocês em Buenos Aires, no desejo de uma Escola que não ceda em sua efervescência.

*Tradução: Maria Laura Cury Silvestre*

Revisão: Maria Claudia Formigoni

---

1 J. Lacan, (1976-1977), *O seminário, livro 24: L'insu que sait de l'une-bevue s'aile à mourre, inédito*, aula de 16/11/1976

2 J. Lacan, (1975-1976/2007), *O seminário, livro 23: O sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., p. 59.

3 *Ibid.*, p. 114.

4 J. Lacan, (1973/2003), “Nota italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 313

5 J. Lacan, (1975-1976/2007), *O seminário, livro 23: O sinthoma, op. cit.*, p. 120. N. T. : Em português: “lixo decidido”.

6 J. Lacan, (1971-1972), *O saber do psicanalista, Conferências em Sainte-Anne*, inédito, aula de 01/06/72.